



PRÁTICAS DE VISITAS A MUSEUS: ENSINO DE HISTÓRIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES¹

Visitas a museus: ensino de história, patrimônio e memória.

Dra. Elizabeth Aparecida Duque Seabra*
bethseabra@uol.com.br

*Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.
Realiza pesquisa de pós-doutorado na Universidade do Minho, Uminho, Portugal.

RESUMO:

Este texto discute em que medida as práticas escolares de visitas a museus podem romper com saberes disciplinares e pedagógicos e incidir sobre a produção de um conhecimento experiencial sobre a história e a memória a ser mobilizado no ensino de história. As práticas de visitas foram analisadas através dos relatos escritos, visuais e orais de um grupo de estudantes de Licenciatura em História, durante seu percurso formativo entre 2005 e 2008. Destacaram-se, em especial, as práticas vivenciadas no Museu do Escravo de Belo Vale, Minas Gerais, e no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Visitantes de Museus, Formação de Professores e Ensino de História.

ABSTRACT:

This text discusses in which measure the school practices of museum visits can break with the disciplinary and pedagogical knowledge and introduce on the production of an experiential knowledge about the history and the memory being mobilized on the teaching of history. The practices of visits were analyzed through the written, visual and oral reports of a group of students from graduation in History during their formative process between 2005 and 2008.

¹ Texto Artigo é uma versão modificada e ampliada do texto apresentado no *IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Rituais, espaços e patrimônios escolares*, realizado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa no período de 12 a 15 de julho de 2012

Stood out the practices that were lived on the Slave Museum, on Belo Vale, Minas Gerais and on the National Historical Museum on Rio de Janeiro.

Keywords: Museum Visitors, Teacher Education and teaching of history.

1- Visitas e aprendizagens em museus

A pesquisa mais ampla, que sustenta o trabalho aqui apresentado, investiga as dinâmicas e interações entre estudantes de graduação em História em visitas educativas a instituições museais e teve por objetivos: 1- analisar as interações que emergiam das ações dos visitantes frente às linguagens expositivas presentes nos museus; 2- discutir as influências do contato com acervos e linguagens museográficas e museológicas na concepção de memória, patrimônio e história dos visitantes e 3- relacionar as dinâmicas de produção/elaboração de efeitos de sentidos pelos sujeitos e os usos do patrimônio cultural como fonte de novas significações considerando questões relativas à suas subjetividades, identidades profissionais, experiência/trajetória de vida, formação acadêmica e profissional.

As visitas a museus são uma possibilidade de ampliação da formação acadêmica e profissional para além do espaço escolar e, ao mesmo tempo, trazem para o cotidiano de formação múltiplas dimensões históricas, políticas e culturais. Situações de visita a museus permitem investigar, nesse caso, a hipótese da circularidade da cultura. Podem-se articular reflexões sobre as experiências próprias ao campo de trabalho docente em História e aos saberes elaborados no campo da museologia, identificando a circulação dupla de

saberes específicos (históricos e museológicos), elaborados em dois campos conceituais distintos e que retornam ao campo profissional (formação de professores) de forma sistematizada.

Este trabalho reuniu numa *narrativa* (RICOUER, 2010, p.2-3) as vozes múltiplas e dispersas dos visitantes numa síntese escrita, criando uma nova pertinência capaz de dar outros sentidos e referências para o patrimônio musealizado. Um movimento de fixar e conservar rastros que são escassos, pegadas que são poucas, pois a visita, pensada pela lógica da “conservação” dos museus, não deve deixar marcas.

O visitante que procurei constituir, pela pesquisa, sente necessidade de se expressar, de tornar-se *presença*. Os efeitos de sentido não lhe vêm automaticamente do passado, das reminiscências individuais, mas do investimento que ele faz no seu presente, a partir de sua condição de estudante para tornar presença o que só existe enquanto ausência. O visitante olha e faz suas opções diante da narrativa do museu quase como uma imposição da dimensão do esquecimento, entendido como parte constitutiva do trabalho de memória.

O campo e os procedimentos de investigação nessa pesquisa privilegiam os relatos escritos e fotográficos e recolhas documentais feitas pelos próprios estudantes durante as visitas aos museus. A análise dos documentos produzidos pelos museus como catálogos, materiais pedagógicos, folhetos

informativos e orientações institucionais foram utilizados nos dois recortes propostos pela análise, a partir do diálogo que estabeleciam com a compreensão dos visitantes e seus quadros de leitura. Assim, a leitura posta pelos museus entrou em circulação e foi explorada na forma de diferentes práticas de confronto, de recusa, de usos e de valorização pelos visitantes.

Ao utilizar os relatos dos estudantes de licenciatura em História como fonte para o estudo das experiências de formação e ensino de história criou-se uma opção e alternativa para a compreensão dos imbricamentos entre os discursos das instituições formadoras, as narrativas de museus e os estudantes-visitantes, com suas histórias de vida, suas motivações, crenças, escolhas de percurso e atitudes durante a visita. A construção de narrativas das visitas permitiu à pesquisa, a partir de experiências localizadas e pessoais, questionar o contato sociocultural de um grupo específico de visitantes frente a temporalidades mais amplas.

O recorte específico dos relatos e das visitas decorreu de diversos procedimentos de análise experimentados ao longo da pesquisa e que consideram tanto os limites aparentes dessas fontes quanto as possibilidades dadas e permitidas. Foram muitas idas e vindas em relação ao repertório, ou indícios documentais, produzidos pelos estudantes e disponíveis para o uso nessa pesquisa. A abundância de material e de museus visitados pelo grupo de estudantes aponta o papel da instituição formadora na produção dessas fontes. O estímulo à atividade de visitas abre possibilidades de ampliação do

repertório, ou do arquivo, com vestígios brutos, desorganizados, um turbilhão de personagens, incidentes, perguntas sem respostas. Práticas tradicionais de leitura dos museus e novas leituras convivem nos relatórios. O uso e a valorização de diferentes princípios de análise são materializados pelo grupo de estudantes e dão suporte a um acervo de memórias escritas e fotográficas das visitas elaborado na perspectiva de um grupo específico de visitantes.

O trabalho buscou combinar dois movimentos: discussões teóricas e metodológicas e a análise das fontes, ou dos relatos dos visitantes. Discutiu-se o papel das visitas de estudantes a museus para a formação histórica centrada na produção de conhecimentos e que rompe com as idéias de *representação* e *recepção* da cultura. O debate bibliográfico sobre os públicos de museu foi acompanhado da apresentação do recorte empírico da pesquisa, constituído pelos relatos de um grupo de 15 estudantes de licenciatura em História, de uma Faculdade particular na região metropolitana de Belo Horizonte, que realizaram visitas entre 2005 e 2008 ao Museu do Escravo em Belo Vale – MG e à exposição do Museu Histórico Nacional “Um novo mundo, um novo Império a Corte Portuguesa no Brasil – 1808-1822”. São caracterizadas as práticas de formação e produção de conhecimentos a partir dos registros dos visitantes. Um questionário, uma entrevista oral no formato de Grupo Focal e fotografias produzidas pelos próprios visitantes durante as visitas, são os três instrumentos de produção de dados.

2- Memória e narrativa de visitas

Visita ao museu

No dia 26 de setembro de 2005, fomos ao museu Abílio Barreto em Belo Horizonte. A visita foi bem interessante e totalmente diferente do que eu imaginava porque, em minha mente, o museu era um local em que as pessoas iam para ver coisas velhas. Durante e após a visita minha visão mudou por completo, percebi que um historiador tem várias formas de trabalhar com diferentes tipos de objetos. A partir de uma montagem e desmontagem de figuras podem-se passar imagens diferentes dependendo da maneira que esse material foi exposto, como fizemos na dinâmica.

O museu também desenvolve um trabalho diferente dos que eu já visitei. Ao mesmo tempo em que eles estão preservando a memória da cidade, estão também integrando o objeto ao cotidiano da sociedade, remetendo-nos há tempos em que Belo Horizonte era apenas um arraial chamado Curral Del Rei, o início do avanço tecnológico e até os dias de hoje. Lá o casarão deixa de ser espaço físico para virar objeto museológico. A organização é ótima! Na sede do museu são desenvolvidos vários trabalhos como projetos, restauração de materiais, etc. Gostei da forma que o material é conservado, em estantes giratórias. O visitante ao invés de ir para visitar somente o casarão, faz um circuito por toda a área do museu. A exposição é aberta a todos que queiram ver.

Como temos visto em nosso curso, principalmente em Teoria II, o historiador trabalha em cima de perguntas (segundo Annales) e os objetos que vimos podem nos dar vários tipos de respostas. A visita ao museu foi uma aula prática de como se fazer História!

(MENDES, Maria José.² Relatório de visita ao Museu Histórico Abílio Barreto. Belo Horizonte, MG. Curso de História, 2º. período. Faculdade Pedro Leopoldo. MG. 2005.)

² A visitante é uma aluna do curso de Licenciatura em História do Instituto Superior de Educação da Faculdade Pedro Leopoldo, na região metropolitana de BH, fez parte da turma que visitou diversos museus e seu relatório compõe o conjunto de narrativas de visitas a museus analisados na pesquisa de doutoramento (SEABRA, 2012).

Discutir o estatuto do conhecimento produzido pelos visitantes de museus é um ponto de partida para a reflexão sobre os sentidos das práticas culturais que perpassem museus e escolas. Outra dimensão da pesquisa é a ampliação das reflexões teóricas e metodológicas sobre as competências culturais, ou a formação histórica, em especial suas dimensões estéticas e políticas desencadeadas a partir das visitas.

Os relatos de visita permitem mudar o foco da visita do museu e da escola para o visitante. Considerando o relato, a visita pode ser “guiada” pelos visitantes, seguir o visitante pelos seus percursos, perspectivas, interesses e escolhas. Se durante o tempo de realização de algumas visitas, na condição de professora, fui também visitante, na análise dos relatos posso propor outros recortes à visita e ao museu a partir do lugar de pesquisadora.

Nos relatos de visita ao Museu Histórico Abílio Barreto, como o apresentado a seguir, é estar em *presença* dos objetos, catalogados como históricos, que cria um olhar diferente para esses objetos. É o visitante que confere sentidos aos objetos que vê expostos e entende que a mudança na ordem de organização e apresentação cria diferentes possibilidades de leitura da visualidade.

As situações vividas nas visitas escolares a museus, aqui tomadas pela narrativa de Maria Jose Mendes³, são referências para a reflexão sobre o protagonismo do visitante que interroga o museu e confere mobilidade às suas

³ Os relatórios de visita produzidos pelos estudantes e utilizados na tese foram citados individualmente, mencionando-se o nome do autor.

narrativas expositivas. Esse tipo de registro também aponta indícios dos usos do patrimônio cultural pelos visitantes e da aprendizagem em relação à educação histórica aberta pelas visitas aos museus.

O registro da visita ao Museu Histórico Abílio Barreto, feito por Maria José Mendes apresentado acima, é uma prática de escrita que se configura, em plano de produção mais restrito, como um relatório de avaliação de um trabalho escolar. Todavia, colocados os contornos mais abrangentes das condições de produção desse tipo de narrativa, se reconhece uma prática de formação que avalia situações do cotidiano e cultura escolares.

A visitante em questão é parte de um grupo⁴ no qual me incluo como professora e que, como ela mesma indica, com o uso do verbo na primeira pessoa do plural, *fomos ao museu* para realizar uma atividade curricular atribulados por vários condicionantes de velocidade e aparatos tecnológicos próprios da cultura contemporânea. Maria José Mendes é uma das alunas do curso de licenciatura em História de uma faculdade particular da região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, que, empreende com seus colegas, visitas planejadas a museus.⁵ É uma jovem estudante, membro de uma “audiência histórica e situada”, mas que responde também às expectativas

⁴ Uma caracterização do grupo de visitantes e das visitas efetivamente realizadas foi apresentada e discutida detalhadamente no segundo capítulo da tese de doutoramento (SEABRA, 2012).

⁵ As visitas a museus, arquivos, bibliotecas, empresas, ambientes naturais e outros locais são realizadas como disciplinas acadêmicas com uma dimensão prática e/ ou como Atividades Acadêmicas Científicas por diversas instituições de ensino superior da região metropolitana de Belo Horizonte como a Puc-MG, Unifem. Ver: FONSECA (2009) e PEREIRA (2007).

de visitante inscritas nas atividades educativas do Museu Histórico Abílio Barreto que passou por projeto de revitalização entre 1993 e 2003.⁶

A narrativa de Maria José Mendes sintetiza, de maneira particular, sua experiência⁷ de visita a um museu e aborda conteúdos históricos e historiográficos, análises, sentimentos, valores. O relato é polifônico, uma produção que reúne, numa escrita própria, aproximações pessoais, estratégias de aprendizagem escolar, enredos, acontecimentos, significados múltiplos e modos de negociar e apresentar questões implícitas, quadros e tramas mais amplas.

Podem ser identificados pelo relato diversos saberes que compõem a formação histórica: conhecimentos de caráter disciplinar ou historiográfico que compõe a matriz disciplinar da história; saberes curriculares ou relativos a objetivos, métodos, e estratégias de ensino; saberes pedagógicos, relacionados às concepções de educação e os saberes práticos da experiência⁸.

O relato da visita ao Museu Abílio Barreto coloca o museu no circuito da cultura escolar, ao fazer uma releitura do sentido e das marcas deixadas pelo museu quando de sua passagem pelo casarão. O *depois* da visita é vivido como uma

⁶ Ver balanço do “processo de revitalização” do MHAB organizado por sua diretora Thais Pimentel e publicado em 2004. Ver: PIMENTEL (2004).

⁷ Para Dewey (2010, p.90-91) as partes constitutivas da experiência são: emocional, prática e intelectual. A experiência é um todo diversificado, um fluxo cujos diferentes atos e episódios mesclam-se e fundem-se. Intercâmbio e fusão são contínuos.

⁸ A discussão sobre os saberes que compõe a formação do profissional de história no Brasil é realizada por Selva Guimarães Fonseca dentre outros autores. Ver FONSECA (1997), SILVA e FONSECA (2007) e ZAMBONI (2008).

nova temporalidade que constitui outro museu imaginado com referência ao *durante* e ao *antes* da visita. Estas novas referências marcam a sua formação como futura professora de História e historiadora. No relato a memória se articula à história e à narrativa.

Percebe-se a constituição de uma *intriga* na narrativa de Maria José Mendes. A visitante reúne, em um quadro referencial, fontes de procedência diversas: a experiência presencial no museu, as demandas da formação escolar e as interpelações do acervo do museu.

O relato de Maria José Mendes demarca uma temporalidade e não uma simples cronologia para a visita. Seu texto começa com uma data, o dia da visita, que marca um antes, um durante e um depois. Em sua escrita, esse antes é caracterizado pela imaginação, são ideias que estavam em sua mente anteriores à visita. O que ela relata é o que aconteceu *durante e após* a visita: suas ideias a respeito dos museus mudaram por completo.

Não é só a exposição propriamente dita que chama a atenção do visitante, mas toda a disposição do espaço que se apresenta face a face como um circuito: os projetos, o edifício e o próprio trabalho de musealização. “*Gostei da forma que o material é conservado, em estantes giratórias*”, afirma a visitante Maria José Mendes em presença da reserva técnica do Museu Histórico Abílio Barreto. A imagem de *estantes giratórias*, evocada pelo relato da estudante, possibilita ampliar o uso estritamente funcional dado pelo museu a esse objeto que não

faz parte da coleção, mas que lhe dá suporte e deve facilitar a limpeza e armazenamento físico dos objetos museais. Elevada ao plano da narrativa de visita, a ideia de girar deixa seu sentido meramente instrumental e ganha o tom poético de mexer e revolver objetos que a função museal possui. Há um deslocamento, para o gosto da visitante, entre o que está nas estantes e as próprias estantes. O objeto museal é o próprio mobiliário do museu e sua ação de preservação, não aquelas *coisas velhas* que guarda. O movimento das estantes é compartilhado com prazer pelo olhar da visitante e coloca a cultura do museu em circulação.

3-A Presença de visitantes e a Formação Histórica

Seguindo as indicações de Gumbrecht (2010) sobre o princípio da presença, a relação do visitante de museu com o passado é diferente da ideia de nostalgia, de viagem no tempo, de restabelecimento ou de retrocesso⁹. O passado, entendido pelo autor como produto da cultura, é caracterizado por sua materialidade e possibilidade de usos em cenários de simultaneidade de referências. Há uma presença do passado que é incorporado e um presente da ação.

Parece ser este o sentido da orientação para a ação que a visitante observa em seu último comentário sobre a visita ao Museu Abílio Barreto. Maria José Mendes articula duas formas de *ver* a história: o que foi *visto* no museu e o que

⁹ A expressão *futuro passado* de Koselleck (2006, p.21) é uma categoria explicativa da dinâmica dos tempos históricos que dialoga com a dimensão da presença discutida por Gumbrecht (2010).

foi *visto* no seu curso de licenciatura em História. As consequências de suas observações no museu a levam a concluir que o historiador, a partir dos *Annales*, trabalha com perguntas que os *objetos* vistos respondem. Logo, para Maria José Mendes, a operação historiográfica parece se completar. A visita mobiliza a formação do objeto imaginário e as mudanças de perspectivas da visitante.

O conhecimento do visitante é atualizado à medida que, em presença do patrimônio musealizado, reformulam-se suas expectativas e ele reinterpreta o que foi visitado. A experiência estética realiza-se no visitante. É o que afirma Maria José Mendes ao visitar o Museu Histórico Abílio Barreto, em Belo Horizonte, com seus colegas. Ela *imaginava* outro tipo de museu, se surpreendeu *durante e após a visita* e mudou *sua mente* por completo: *o museu não era um local que as pessoas iam para ver coisas velhas*. Percebeu no museu algo inédito: *um historiador tem várias formas de trabalhar com diferentes tipos de objetos* (Maria José Mendes, FIPEL. 2005).

Durante a visita o estudante confronta suas expectativas com o que encontrou no Museu. Maria José Mendes atualiza seus conhecimentos ao declarar que o Museu Histórico Abílio Barreto realiza *um trabalho diferente* dos museus que ela já havia visitado: lá no museu eles *preservam a memória da cidade e integram o objeto ao cotidiano da sociedade, remetendo-nos há tempos em que Belo Horizonte era apenas um arraial chamado Curral Del Rei*. Lá o

casarão deixa de ser espaço físico para ser objeto museológico. (Maria José Mendes, Fiel. 2005).

Na perspectiva da visitante os museus não são depósitos (lugares de memória). Cada visita a um museu situa temporalmente cada um dos visitantes, pois possibilita que eles, momentaneamente, se distanciem de sua imersão no *tempo presente* e participem de experiências de outras temporalidades.

A visita exercitada torna-se também um prazer para o visitante: *uma aula prática de como fazer História!* (Maria José Mendes, Fiel. 2005). A visitante percebe no museu o trabalho com diferentes *tipos de objetos* e como o museu cria um tipo de objeto específico retirado do cotidiano e transformado em *objeto museológico*. No Museu Histórico Abílio Barreto, a visitante percebe a operação museal para criar um passado para a cidade de Belo Horizonte chamado Curral Del Rei, cuja narrativa está associada ao início, à fundação da nova capital.

A presença como fenômeno efêmero pode ser discutida também nas fotografias¹⁰ dos visitantes desde a entrada nos museus, como desejo e expectativas, durante o percurso interno das exposições, como reações às

¹⁰Foram selecionadas as fotografias que aparecem nos relatórios de avaliação apresentados pela turma, ou cedidas por seus produtores à pesquisa.

condições específicas da cultura de sentido, até a saída dos locais quando se configura uma ausência, ou o desaparecer da presença.

A partir das dinâmicas e interações, experimentadas e interpretadas pelos estudantes em visitas a museus, foi possível discutir sobre o aprendizado histórico e a *formação histórica*, na perspectiva que lhe atribui Rüsen (2007, p.104) enquanto a capacidade de constituição de uma narrativa de sentido.

O museu pode ser interrogado e deixar de ser considerado apenas um recurso metodológico para se tornar parte do aprendizado histórico como fonte, tema de pesquisa e produção de conhecimentos históricos e educacionais.

Em *História Viva* Rüsen (2007) contribui para a formulação de questões que articulam de maneira prática os campos da história e da educação pensando no ensino de história.¹¹

A operação de construção de sentidos próprios às narrativas históricas pode ser identificada no relato de visita de Maria José. A visitante entende a dinâmica museal, não em seu caráter instrumental, mas como princípio criador de versões históricas. A visitante do Museu Histórico Abílio Barreto participa de uma dinâmica que a leva a compreender que *a partir de uma montagem e desmontagem de figuras podem-se passar imagens diferentes dependendo da*

¹¹ Essas articulações também são discutidas pelo grupo de pesquisa Memória, História e Educação da Unicamp. Ver: ZAMBONI (2007 e 2008).

maneira como esse material foi exposto (Maria José Mendes, Fiel. 2005). A operação de montagem e desmontagem é experimentada pela visitante que relaciona o procedimento do museu com o procedimento dos historiadores em suas pesquisas e associa a ideia de deciframento do que está preservado e exposto ao trabalho de composição realizado anteriormente.

Outra questão em relação aos visitantes, inspirada em Rüsen, foi discutir até que ponto o modo de narrar histórias dos museus é utilizado na vida dos visitantes. Ou seja, como a maneira argumentativa dos museus afeta a formação histórica dos visitantes. Ou, no limite, se visitar museus influencia, ou não, na forma de narrar a história e viver o tempo presente.

No relato de Maria José Mendes as dimensões da história e da vida estão presentes. A visita muda sua concepção de museu e de história. Ela traz da vivência no museu para sua concepção de história a dimensão material dos objetos e aproxima sua nova visão de museu da historiografia. Como futura profissional da história ela pode usar um novo arsenal: o museu e sua metodologia de trabalhar os objetos (Maria José Mendes, Fiel. 2005).

Em relação à vida Maria José Mendes mantém sua condição de visitante durante todo seu relato, mas faz um convite: *a exposição é aberta a todos que queiram ver*. Essa abertura das portas do museu ao público, reconhecida pela visitante, implica em considerar que os destinatários na práxis museológica não são apenas os especialistas. Mas a visitante parece indicar que o lugar no qual

se localiza essa prática só atinge os que “querem ver”, e nem todo mundo quer ver o que tem em um museu. Relacionado a uma forma de constituição específica de “narrativa de sentido”, o museu não é igual ao conjunto da vida prática. É preciso ir até o museu e querer vê-lo.

Querer ver, e ver nos museus, de diferentes maneiras implica em reconhecer a heterogeneidade e a diversidade que marcam a formação histórica e as relações concretas dessa formação no que se referem a percursos, graus de autonomia, condições de trabalho docente, diferenças culturais e enormes desigualdades sociais e econômicas.

5- Considerações finais

A pesquisa, com os futuros professores de História em visita aos museus, trouxe questionamentos à tentativa de entender o visitante como um “espectador emancipado” como um viajante que carrega sua própria bagagem, seus emblemas de pertencimento cultural à profissão docente. Os visitantes com suas observações sobre os territórios oficiais da memória realizavam um duplo movimento: se auto-afirmavam e reconheciam os museus como “casas de pertencimento” e de “presença” do visitante.

As narrativas de visita fizeram dialogar conceitos e experiências que se produziram no campo dos museus e em suas relações com a escola,

estabelecendo possibilidades e limites para a abordagem de situações específicas do ensino de História no Brasil e a da formação de professores.

A análise das práticas de visita combinou reflexões teóricas, historiográficas e empíricas. Textos, imagens e oralidade num mesmo quadro analítico. Destaco que tanto as reflexões teóricas e historiográficas quando o quadro empírico foram tentativas de abordagem, diálogos, recortes possíveis e não implicam na concordância com todos os argumentos dos autores citados, ou um aprofundamento da reflexão sobre cada fonte em particular. Procurei explorar de cada obra argumentos ou linhas de interpretação que interessavam no estudo do tema do visitante de museus.

Sistematizar a produção dos visitantes e colocá-la em circulação foi o principal investimento dessa pesquisa. A dúvida era constante: esse tipo de fonte documental seria capaz de sustentar uma análise a respeito dos sentidos da memória, da história e dos museus na cultura contemporânea? Espero ter argumentado ao longo do texto que sim. Os relatos dos estudantes indicam que eles foram capazes de ampliar sua formação histórica ao visitar museus.

A maior tensão da pesquisa foi delimitar o próprio campo da investigação, delinear as *presenças* (estudantes e museus); as *concomitâncias* (diálogos admitidos ou criticados na bibliografia) e as *ausências* (outras ligações possíveis com a história e a educação).

Assim, para descrever e avaliar a prática de formação evitei me referir a um sistema de interpretação, ou tradução exterior (um horizonte idealizado, ou seu suposto inverso, uma abstração advinda da empiria). Propus-me a mobilizar conceitos disponíveis e discordantes, principalmente de memória e história, que circulam ao nível das minhas próprias práticas, apostando em sua emergência a partir de quem falava e das posições dos sujeitos (estudantes) e dos lugares institucionais (escolas e museus).

O maior desafio para a conclusão desse projeto decorreu da opção que o motivou inicialmente, analisar as situações educativas de visitas a museus a partir da lógica da própria experiência pedagógica. Não houve um movimento externo de observação, mas um interesse, ou desejo de saber, que veio da aproximação entre o sujeito, que se colocava na condição de pesquisador, mas estava próximo ao “objeto” investigado.

A materialidade das práticas de visita surgiu do trabalho com os relatos escritos e visuais. Na leitura dos relatos as operações de narrar, próprias da vida prática, foram se constituindo como fundamento e pressuposto do conhecimento histórico escrito por professores e estudantes.

As fotografias tomaram ao longo da pesquisa uma centralidade maior. A análise do conteúdo dos materiais visuais, seu uso durante as visitas e sua circulação posterior constituiu-se em um conhecimento experiencial da própria visita. As fotografias são relatos visuais construídos com possibilidades de

reprodução e propriedades materiais que influenciam na forma de leitura de seus conteúdos. Nas fotografias a visita oscila entre uma viagem de estudo e de turismo. Os estudantes trazem imagens de lugares/paisagens e objetos (sem pessoas), pessoas em lugares/cenários/objetos e poucas com pessoas isoladas de cenários. Quando confrontadas às imagens produzidas pelos museus em catálogos e materiais de divulgação o cenário é destacado sem a presença de pessoas, os objetos são apresentados isolados, sem a encenação da exposição.

Nessa pesquisa selecionei fotografias-chave (amostras) de um quadro mais amplo de originais. Os objetivos dos fotógrafos eram documentar a viagem, nem sempre com a finalidade de exibir as imagens. Os relatos entregues para avaliação trazem um primeiro corte feito pelos seus produtores diretos, os estudantes. Era preciso imprimir os arquivos digitais. Os vídeos e as repetições são deixados de lado. As imagens armazenadas pelos estudantes também eram produzidas com a finalidade de exibição para familiares e para compor um álbum pessoal. As imagens impressas são utilizadas e socializadas entre o grupo e se repetem em vários relatórios de visita. A circulação das imagens, dado o seu suporte digital, motiva a colaboração e dá início a uma narrativa com exercícios de exploração e descoberta.

Os referentes oferecidos pelos museus são partilhados ou confrontados. Nasce nos relatos híbridos, edições, coleções em novos formatos. Nos museus visitados os estudantes fotografam o espaço organizado, os ícones do acervo (pinturas, esculturas) e os artefatos da museologia (desenhos,

projeções e cenários). Há um museu concreto e um museu imaginado, ambos reconstruídos pelos visitantes. O visitante faz o uso do museu durante a visita e recria o lugar dando-lhe outras dimensões espaciais.

A análise das visitas ao Museu do Escravo e Museu Histórico Nacional pode ser entendida como um movimento de circulação entre o momento efetivo da prática pedagógica e de formação e o momento de reflexão na leitura dos relatos já constituídos, indicando a construção de sensibilidades que envolvem todo trabalho com a cultura e uma orientação para a vida prática daqueles implicados na dinâmica das visitas. A experiência de visita possui, junto a sua dimensão prática, uma qualidade estética dada não pelo resultado final, mas pelo movimento/transcurso da ação. É um *agir e padecer* frente às coisas físicas e imaginadas. Une eventos e objetos numa relação mútua de extensão e profundidade. As visitas a museus geram conhecimentos e narrativas à medida que permitem uma aprendizagem pela observação e pela própria experiência.

O procedimento de leitura das exposições, que implica em montagem e desmontagem de coleções, foi experimentado pelos estudantes no Museu Histórico Abílio Barreto, ou seja, numa visita a museus. O conteúdo de uma exposição também é utilizado para analisar outras. Os museus são comparados entre si. Os critérios são internos (museus) e não externos (escola, historiografia).

O tipo de argumento predominante nas narrativas não vinha diretamente de leituras ou discussões teóricas, embora elas sejam utilizadas como no caso da escravidão. Os argumentos produzidos nas narrativas foram configurados na própria experiência que oscilava entre “efeitos de presença” por estar dentro do museu, ver a exposição, e “efeitos de sentido” (o que leu, estudou sobre escravidão, história do Brasil).

Pôde-se concluir que as visitas trouxeram uma série de efeitos formativos para os estudantes-visitantes. Desencadearam afirmações sobre a identidade profissional, verbalizaram sentimentos e pensamentos sobre o pertencimento cultural ao tempo presente e estimularam a reflexividade sobre o exercício da escrita da história em museus. Os relatórios também validaram algumas construções teóricas à medida que operavam uma ponte entre as concepções particulares e localizadas, elaboradas em reação quase imediata ao contato com o patrimônio musealizado, e outra dimensão teórica mais ampla, acionada pela leitura e seleção de trechos que recebiam um novo formato com a pesquisa.

Os relatos criaram condições de reconhecimento, visibilidade pública e social a realidades locais, como é caso do Museu do Escravo em Belo Vale, Minas Gerais. Colaboram também para contrariar formas hegemônicas de produção de conhecimento já instituídas e institucionalizadas nas rotinas de formação. A visita ensina que os museus são espaços públicos onde são construídas diferentes formas de ver a sociedade e, nesse aspecto, ajudam a tornar visíveis as temporalidades.

Documentos

IBRAN- Instituto Brasileiro de Museus. *Cadastro Nacional de Museus*, 2010. Disponível em <www.museus.gov.br> Acesso em 2010.

FIPEL – Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo. Instituto Superior de Educação de Pedro Leopoldo. *Relatórios de visita ao Museu Histórico Abílio Barreto*. 2º período. Curso de História. Pedro Leopoldo. Minas Gerais, 2005.

FIPEL. *Relatório síntese do Trabalho de Campo. Visita a Belo Vale - MG. Museu do Escravo e Fazenda Boa Esperança*. 4º período. Curso de História. Pedro Leopoldo. Minas Gerais, 2006.

FIPEL. *Relatório de visita ao Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro*. 7º período. Curso de História. Pedro Leopoldo. Minas Gerais, 2008.

Bibliografia:

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010

FONSECA, Selva Guimarães. *Espaços de formação do professor de história*. Campinas, Papirus, 2008, p. 261-280.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lucia Goulart alli (org.) *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p.48-68

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença. O que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro, Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2010.

HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London; Thousand Oaks, California: Sage in Association with the Open University, 1997.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.134-146.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro do passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio Janeiro, Contraponto, Ed. PUC – Rio, 2006.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa. 1. A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UNB, 2007.

PEREIRA, Junia Sales et alli. *Escola e Museus: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus, PUC Minas/Cefor, 2007.

PIMENTEL, Thais Velloso.Cougo.(org.). *Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade:1993-2003*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004.

SEABRA, Elizabeth Aparecida Duque.. *Visitas de estudantes a museus: formação histórica, patrimônio e memória. Tese de doutoramento*. Campinas, SP, Unicamp, 2012.

SILVA, Marcos e FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: SP, Papirus, 2007.

Williams, R. *Cultura e sociedade: 1780-1950*. São Paulo, Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZAMBONI, Ernesta.(org.). *Digressões sobre o ensino de história: memória, história oral e razão histórica*. Itajaí: Editora Maria do Cais, 2007.

ZAMBONI, E. et alli (org.).*Memórias e histórias da escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.